

Havia em uma aldeia uma velha mulher conhecida por todos como a “mulher chorosa”. Esse apelido foi dado, pois todos os dias, com chuva ou com sol, ela estava sempre chorando.

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

A “mulher chorosa” costumava vender bolinhos de arroz na rua. Todos os dias um monge passava por ela a caminho da aldeia onde ia pedir esmolas. Um dia, ele resolveu parar para conversar.

“Todos os dias, faça sol ou faça chuva, vejo a senhora chorando. Por que isso acontece?”, perguntou o monge.

Então, ela explicou que tinha dois filhos artesãos. Um confeccionava delicadas sandálias e o outro, guarda-chuvas.

“Quando faz sol, me sinto aflita porque ninguém vai comprar os guarda-chuvas de meu filho e sua família pode passar necessidades. E quando chove, penso no meu filho que faz sandálias e tenho pena porque ninguém vai comprá-las. E ele também poderá ter dificuldade para sustentar sua família”, explicou a mulher chorosa.

O monge ficou pensando na história da mulher chorosa enquanto comia um bolinho de arroz. E achou graça.

“Mas a senhora deveria ver as coisas de outra forma. Quando o sol brilha, seu filho vai poder vender muitas sandálias, e isso é muito bom. Ele poderá guardar dinheiro para os dias de chuva. E, quando chover, seu filho que faz guarda-chuvas venderá muitos guarda-chuvas, e isso é também muito bom”, disse o monge.

A velha olhou para o monge com um sorriso nos lábios. E, desde esse dia, passou sorrindo todos os dias da vida, chovendo ou fazendo sol. !

PACHECO, Bruno (compilação). **Pocket Zen: 100 histórias budistas para meditar**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004. p. 133-134.